

# BIS amplia reunião e pressiona bancos comerciais

Assis Moreira  
de Basiléia

O presidente do Banco Central, Gustavo Franco, fez uma exposição ontem ao G-10 e a um grupo de grandes banqueiros privados internacionais sobre a situação econômica do Brasil, durante um encontro no Banco para Compensações Internacionais (BIS), o banco dos bancos centrais, em Basiléia (Suíça).

De maneira inusitada, o BIS ampliou a tradicional reunião informal mensal do domingo do G-10 para a participação do mega-especulador Georges Soros e de William Rhodes, do Citibank e de outros pesos pesados da banca privada internacional, como Chase Manhattan, JP Morgan, Société Générale de France, Banque Nationale de Paris, Crédit Suisse, ABN Amro, Deutsche Bank e Merrill Lynch, todos com grande exposure no Brasil.

A simples participação desse grupo reforçou as especulações de que os banqueiros centrais estariam cobrando dos bancos comerciais sua participação no pacote para o Brasil, através da renovação de créditos de curto prazo, que atingiram mais de US\$ 48 bilhões em dezembro, mas sofreram forte queda.

Desta vez, mesmo o poderoso presidente do Federal Reserve americano, Alan Greenspan, deslocou-se à Basiléia, que pouco comparece ao BIS e manda seu substituto para as reuniões mensais do G-10.

Sua presença pode ser uma indicação de que o financiamento do G-10, que o BIS está organizando, também está sendo fechado agora, podendo ficar em pelo menos US\$

15 bilhões, segundo especulações no mercado. O presidente do BC Europeu, Win Duisenberg, foi outro participante.

A expectativa na Basiléia é de que após a reunião formal de hoje do G-10 (Estados Unidos, Alemanha, Japão, Grã-Bretanha, Canadá, França e Itália, que formam o G-7, além de Suíça, Bélgica, Holanda e Suécia), seja divulgado um comunicado, o que tampouco é comum, indicando a ajuda dos industrializados para o país. "A França vai ajudar o Brasil", garantiu o presidente do Banco Central francês, Jean-Claude Trichet, um dos poucos a balbuciar algumas palavras após a reunião de quatro horas, ontem à tarde.

Gustavo Franco, que saiu do BIS acompanhado de Charles Dallari, do Institute of International Finance, disse apenas "vamos jogar o jogo", sem dar qualquer indicação do que isso significa. O tom foi idêntico entre quase todos os 30 participantes, que insistiam em repetir "no comments" antes mesmo de qualquer indagação.

"A discussão não se concentrou no Brasil", disse o presidente do BC francês, Jean-Claude Trichet. "Discutimos a situação internacional, restrição de crédito no mundo, sistema monetário internacional e Brasil", acrescentou Guillermo Ortiz, presidente do BC mexicano, que foi o outro representante de país emergente presente, ao lado de Franco.

Em outra indicação da importân-

cia da situação brasileira no debate, Gustavo Franco foi o primeiro a ser chamado para fazer sua exposição. Indagado se saía otimista com o Brasil depois de ouvir o chefe do BC, Lukas Muhlemann, presidente do Crédit Suisse, reagiu rindo enquanto tragava um charuto e corria para o carro: "Sou otimista por natureza". Há dois meses, Lukas anunciou em Zurique que seu banco estava reduzindo a exposure no Brasil, onde é proprietário do Garantia.

Segundo fontes financeiras na Europa, o certo é que as principais praças financeiras internacionais deverão receber a visita do ministro da Fazenda, Pedro Malan, nas próximas semanas, ainda para amarrar diferentes aspectos do pacote de financiamento externo ao Brasil.

Como entre a assinatura da carta de intenção ao FMI e sua aprovação pela diretoria levaria ainda duas semanas, segundo essas fontes, a passagem de Malan pelos EUA e Europa é considerada "extremamente oportuna e necessária" para afinar detalhes tanto com bancos privados, de quem se deseja a renovação das linhas de curto prazo, como junto a bancos centrais e governos.

Na Alemanha, uma das três locomotivas da economia mundial, estão sendo organizados encontros para Malan entre os dias 16 e 18 próximo. O ministro chegaria de Nova Iorque, para encontros em Frankfurt com banqueiros privados e com

Bundesbank, e em Bonn com o novo ministro da Economia, Werner Müller. Em Basiléia, Tietmeyer não quis fazer absolutamente nenhum comentário sobre o Brasil.

Mas é a contribuição dos bancos privados que igualmente deve pesar agora na balança. Os bancos centrais e governos acham que os bancos comerciais devem participar, garantindo a renovação de créditos de curto prazo para o Brasil, que é o oxigênio do comércio exterior.

O Deutsche Bank, o maior da Alemanha e que teria participado igualmente ontem do encontro no BIS, tem garantido que manteve no mesmo nível suas linhas de curto prazo, apesar das turbulências financeiras que atingiram o país. Os bancos comerciais germânicos tem credores de US\$ 12 bilhões da dívida externa, total de US\$ 100 bilhões do setor privado. Mas na compra e emissão de papéis brasileiros, são bem mais conservadores, se comparados aos americanos e britânicos.

O BIS viveu ontem à tarde um movimento inabitual na véspera da reunião mensal do G-10, justamente por causa da presença de banqueiros privados. Também causou surpresa a presença de Greenspan, que com o alemão Tietmeyer, foi o único a não se identificar na portaria, entrando diretamente numa das organizações internacionais mais secretas e protegidas, que exige carteira de identidade de todo mundo.

No começo da noite, Greenspan permanecia na sede do BIS para receber outros colegas banqueiros centrais, mas não Gustavo Franco, como se fosse o real dono da casa.

**O mega-especulador  
Georges Soros,  
William Rhodes, do  
Citibank e outros  
pesos pesados  
estiveram presentes**